



Literatura e Política duas faces da Imprensa Piauiense¹

Ana Regina Rêgo

Universidade Metodista de São Paulo

Universidad Autònoma de Barcelona

Universidade Federal do Piauí

Resumo

Este trabalho aborda a trajetória da imprensa piauiense desde o seu nascimento em 1832 até as primeiras décadas do século XX, tendo como enfoque as temáticas: literatura e política. A abordagem escolhida situa o jornalismo literário e o jornalismo político, a partir do panorama social e político do período. Trata-se, portanto, de um levantamento da produção jornalística do Piauí no período em destaque.

Palavras-chave

Jornalismo impresso, Literatura e Política

INTRODUÇÃO

O Piauí só entraria no cenário dos impressos 24 anos depois do *Correio Braziliense* e da *Gazeta do Rio de Janeiro*. A estréia tardia refletia a situação de atraso e abandono em que vivia a província no primeiro Reinado. A população era pequena e a educação formal praticamente inexistente. Nessa época, o poder se perpetuava através das famílias abastadas, para os padrões de riqueza local, que conseguiam enviar seus filhos para estudar em Coimbra e, posteriormente, em Recife e Salvador. Em sua maioria, os egressos dessas escolas formavam-se em Direito, poucos em Medicina e alguns se tornavam padres, mas havia uma coincidência em suas vidas profissionais, quase todos ingressavam na política visando defender os interesses de suas famílias, e, de quebra, chegavam ao jornalismo, espaço que servia de legitimador e divulgador para os embates que se passavam nos palcos do poder.

O jornalismo político, especificamente, partidário, reinou soberano, sobretudo, no século XIX. Todavia, ainda na década de 1840 os primeiros periódicos literários surgiram em Oeiras, então capital piauiense. Posteriormente, com a mudança da capital

¹ Trabalho apresentado na DT1- Jornalismo no Grupo de Pesquisa História do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



para a Vila Velha do Poti, às margens do Rio Parnaíba e conseqüente criação da cidade de Teresina, o jornalismo literário se tornaria uma modalidade recorrente naquele século, se consolidando efetivamente nas primeiras décadas do século XX, quando escritores e jornalistas da *geração de ouro* da literatura piauiense passaram a utilizar a imprensa, não apenas para publicar romances e folhetins nacionais e estrangeiros, mas também os próprios livros.

Este artigo trata, portanto, de um levantamento dos jornais piauienses do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX, sem, no entanto, ter a pretensão de se colocar como definitivo, uma vez que existem várias falhas na bibliografia disponível, assim como, muitos espaços vazios nas estantes das bibliotecas e arquivos públicos do Piauí, como também, nos acervos das instituições nacionais, como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Histórico Nacional, para onde todas as publicações devem ser encaminhadas. Esperamos, no entanto, que contribua para que outros pesquisadores encontrem caminhos e possam tornar a informação histórica sobre os nossos periódicos cada vez mais precisa.

Assim, o trabalho divide-se em duas partes a primeira trata da imprensa e de sua relação com a literatura e, a segunda debruça-se sobre a trajetória do jornalismo político.

IMPRENSA E SOCIALIZAÇÃO: a participação dos meios impressos na construção de um universo literário no Piauí

A publicação dos primeiros periódicos brasileiros no início do século XIX, ainda que tenha sido um advento tardio em face da longa colonização, contribuiu, sobremaneira, para a formação de uma massa crítica e intelectual, que visualizou nas folhas jornalísticas, nova possibilidade de difusão da produção literária. Surgiram as folhas literárias e, os jornais de cunho político abriram espaço para as *letras*. Os folhetins eram publicados em capítulos seqüenciais. A poesia e os romances ganharam destaque nos periódicos. O relacionamento entre os escritores e o jornalismo se intensificou, haja vista que, em grande parte, os escritores eram profissionais atuantes nos impressos.

Como decorrência, quando da passagem entre os séculos XIX e XX, já existia identificação intrínseca entre a literatura e a imprensa no Brasil. Na opinião de Werneck Sodré (1999, p. 292), “homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade em primeiro lugar; um pouco de dinheiro se



possível”. Grandes nomes da literatura nacional ganharam projeção e se mantiveram, financeiramente, através de colaborações regulares aos jornais. A opinião preponderante e vigente entre os intelectuais dos anos de transição entre os referidos séculos era de que o jornalismo atuava como fator de fomento à produção e difusão da arte escrita. No entanto, a nova realidade representava, para alguns, empecilho à produção, pois a necessidade de ganhar a vida através de escritos regulares, fossem romances, folhetins, poemas ou poesias, não os permitia dedicar maior tempo à abstração e contemplação e, conseqüentemente, impedia produção mais qualitativa.

No Brasil e no Piauí, a influência do jornalismo no imaginário simbólico da sociedade, verificou-se, inicialmente, através do debate político, mas também se concretizou através da literatura. Em 1851, intelectuais piauienses, presentes na política e no jornalismo, perceberam que o jornal se mostrava propício ao incentivo de uma vida cultural e literária mais rica. A este respeito, editorial do exemplar do primeiro número d’ *O Recreio Litterário*, que circulou em 1 de maio de 1851, escrito por José Martins Pereira de Alencastre, assim se pronunciou:

Um jornal litterario é, por certo, o que desejamos dar a luz da publicidade, e realmente é o que, o público deve esperar. É inegável, que alguns pontos do Brasil tem o jornalismo litterario feito não pequenos progressos; e, somos levados a confessar, n’esses lugares onde a ignorância menos louva pelas classes, que poucos recursos tem, para alcançar a necessária instrução; e é aí também onde as conseqüências funestas da falta de instrução se fazem menos sentir. Negar, que parte d’esse progresso, ou, aperfeiçoamento não é devido a benéfica influência do jornalismo, vale o mesmo que despir o sol de seus resplendores, e a luz de sua ação benéfica...

Nesse mesmo jornal encontramos a reprodução de uma novela francesa denominada *Mademoiselle de Clermont* de autoria de Madame de Genlis, traduzida por J. J. Avellino, que seria veiculada em capítulos ao longo de vários exemplares. O jornal *O Recreio Litterario* era escrito por uma Sociedade diretora composta por Joze Sérvio Ferreira, Carlos de Souza Martins e Joze Martins Pereira de Alencastre, e, uma Sociedade colaboradora que tinha a participação de Joze Joaquim Avellino, o tradutor da novela acima citada, Antonio João Baptista Ferreira, Canuto Joze da Silva e Lobo, Octaviano Jose d’Amorim, João de Souza Martins, Joaquim Lima e Castro, Joze Pereira Nunes, Fernando da Costa Freire e Tibério Cezar Burlamaqui.

É oportuno lembrar que este periódico não foi o pioneiro no jornalismo literário no Piauí. Ainda em 1849, o periódico conservador *O Escholastico* ligado ao Partido



Saquarema ou Conservador, e, à Igreja Católica já reservava espaço para a difusão de peças literárias. Ademais, outros periódicos exclusivamente literários ou que se denominavam literários, científicos e críticos, surgiram durante o período imperial, como *O Papyro*, que tinha Domenico Zampieri e Lívio Drusco como redatores e era de propriedade de Viriato Braziliense, e divulgava poesias e outros gêneros. No exemplar de número 4, deste jornal, veiculado no dia 07 de agosto de 1874, por exemplo, encontramos um poema de David Caldas denominado *O Dever*, escrito por ele na cidade de Parnaíba, em novembro de 1866. O poema divide-se em duas partes e em seis estrofes. Abaixo, a primeira estrofe da segunda parte.

Mais poder que a liberdade
Tem de certo o meu dever!
Sou livre... posso no vicio
Me engolfar e me perder.
Porém no abysmo já prestes
A cair por meu querer.
Os passos logo suspendo
Por não aviltar meu ser!

Ainda na década de 1870 encontramos jornais como *A Floresta* e *A Ressurreição* que se lançavam em debates filosóficos, como o que localizamos no exemplar de número 27, de *A Floresta*, no qual, este impresso, rebate algumas teses publicadas no jornal *A Ressurreição* que afirmavam que, “ a vida não é consequência de organização physica” e que “ a vida não está sob a direcção d’alma”, dentre outros pressupostos. A essas duas afirmações *A Floresta* responde com ênfase:

Negamos por tanto que a vida seja a idéia do que é subscrito materialmente por si (...)
Assim pois affirmamos que não só a alma exerce grande influencia sobre a vida, como qu’essa influencia é requisito indispensável á vida moral; e por tanto que < a vida como consequência d’uma organização physica está sob a direcção d’alma.

Ainda em *A Floresta* encontramos outros temas em debate como o que envolve a própria filosofia, com o título: O que é filosofia? Como se divide? Esse artigo traz argumentos de Aristóteles, Descartes, M Geruzez e M. Beautain, dentre outros. Além dos debates e artigos, o jornal se ocupa de divulgar poemas, poesias e novelas.

O Argonauta, de Antônio Rubim Filho também data da década de 1870 e se dizia “ Periódico Litterario, Critico e Chistoso”, nele encontramos poemas de Castro Alves como *Vozes d’Africa* divulgado no exemplar de número 3, em 24 de julho de 1871. Já *O Arbusto* tinha como editores proprietários J. B. Coutro, Pedro Leite e Areolino Auto de Abreu e dedicava-se à literatura, à crítica e notícias. Nele



encontramos notas de repúdio ao governo imperial e referentes a instrução pública na província do Piauí.

Outros jornais como *Sensitiva*, *Prometheu*; *A Bala*; *O Cosmopolita*, *A Tribuna*, *A Borboleta* e *A Mocidade Piauiense*, além do *Almanak Piauiense* que se dedicava a assuntos variados inclusive história, geografia e literatura, apontam que havia uma preocupação com a difusão de idéias literárias e culturais na remota província do Piauí ainda no século XIX, e mais, demonstram que os intelectuais, sobretudo, os egressos da Faculdade de Direito do Recife, empenhavam-se em difundir e sensibilizar a sociedade para uma convivência onde a cultura fosse de fato valorizada e viesse a influenciar o desenvolvimento da sociedade da época.

No entanto, foi através dos grandes jornais políticos, como *A Imprensa*, vinculada ao partido Liberal, e *A Época*, do partido Conservador, que a literatura chegou de forma mais evidente aos lares piauienses, já que estes mantinham periodicidade definida e maior tiragem, além de uma longevidade somente encontrada nesses dois impressos, pois no século XIX os jornais tinham, invariavelmente, vida curta. À medida que aquele século findava, folhetins, poemas, poesias e críticas redigidas também ganharam mais espaço nos jornais, os quais, em estágio anterior, eram integralmente políticos.

A imprensa piauiense publicou, naquele período, livros e novelas brasileiras e estrangeiras, mas também proporcionou a impressão de livros de autores piauienses. De acordo com Clodoaldo Freitas (1998, p.63), João Alfredo de Freitas publicou alguns capítulos de um romance de sua autoria no jornal *Abolicionista* por volta de 1885. Entretanto, Magalhães (1998) enfatiza que foi

o próprio Clodoaldo Freitas o primeiro a ter um romance integralmente publicado na imprensa local, fato ocorrido em 1905, com a veiculação de *Memórias de um velho*, pelo jornal *Pátria*. Entre outros folhetins, o autor publicou ainda: *Os primos*, *Por um sorriso*, e *Os bandoleiros* (MAGALHÃES, 1998, p. 92).

Em 1909 Abdias Neves publica o romance *Um Manicaca* que havia tido publicação parcial na imprensa teresinense.

Para alguns analistas, em nível de Brasil, as primeiras décadas do século XX, caracterizaram-se pela estagnação econômica, social e cultural provocada pela não adaptação do Governo Republicano aos anseios da sociedade brasileira, isso se refletiu na literatura, a tal ponto que Werneck Sodré (1999) a qualifica de alienada. Na visão de Francisco de Assis Barbosa e Nicolau Servenco a literatura brasileira de então



simbolizava a síntese dos anseios, aspirações e frustrações dos intelectuais brasileiros, com o afastamento gradativo entre a camada intelectual e os grupos políticos da República. Em suas palavras, “o distanciamento do intelectual do foco do poder gera no grupo conflitos existenciais e desequilíbrios emocionais que atuam de modo dramático sobre o próprio desenvolvimento da literatura” BARBOSA e SERVENCO (*apud* Queiroz, 1998, p.103).

Independente de debate mais aprofundado acerca da qualidade da produção literária do início do século XX, os meios de comunicação, no caso os impressos, cumpriam o seu papel. Ora com publicações especializadas, ora através da abertura de espaço nos periódicos que se modernizavam e ganhavam nova forma sob os moldes do jornalismo norte-americano, ora com o espaço cedido aos literatas, que, por intermédio de polêmicas e críticas, alcançavam maior visibilidade e, por conseguinte, melhor divulgação para seus trabalhos, quer fossem bem aceitos ou contestados. Além disso, a imprensa piauiense deflagrou nessa época, campanhas educativas que visavam fomentar o interesse do público pela leitura, tendo em vista que a própria subsistência dos jornais dependia da formação de um público leitor mais amplo, portanto, de uma sociedade mais educada e mais culta. Os intelectuais/jornalistas tomavam a iniciativa através dos jornais com as referidas campanhas, mas também se ocupavam em criar outras oportunidades para o fomento da cultura como a promoção de conferências, invariavelmente, patrocinadas por instituições culturais das quais faziam parte. As conferências eram posteriormente publicadas nos jornais. “Foi através de publicações de imprensa que se preservaram estudos literários originários de conferências, como, por exemplo, “A Luz”, de Nogueira Tapety; “Álvares de Azevedo”, de Alcides Freitas,(...)” (MAGALHÃES, 1998, p.97).

O Piauí da primeira década do século passado possuía cerca de uma dezena de periódicos em circulação, sendo *O Piauí*, *O Correio*, *O Dever*, *A Luz*, *O Livro e Pátria*, publicados em Teresina e, *O Piauiense* e *O Nortista* em Parnaíba, além de jornais homônimos publicados em Oeiras e Amarante, com a denominação de *O Progresso* (MAGALHÃES, 1998. p.80).

Magalhães (1998) apresenta um panorama literário, no qual os periódicos assumem papel de destaque na difusão da literatura piauiense. Dentre os vários jornais mapeados, a autora cita *O Apóstolo*, *O Comércio*, *O Correio*, *Correio do Piauí*, *Correio de Teresina*, *Diário do Piauí*, *Estado do Piauí* e *A Gazeta*. Mas também enfatiza as dificuldades em se manter em circulação os jornais que normalmente eram de



particulares, sendo que muitos não pertenciam a agremiações políticas ou de outra ordem, e ainda não eram comerciais.

Todavia, as dificuldades não dispersavam os intelectuais ávidos por debate e por uma vida cultural mais ativa. De acordo com Magalhães,

A imprensa constituiu uma base de grande importância para a aglutinação dos intelectuais em torno de projetos políticos e culturais. A própria Academia Piauiense de Letras, fundada em 1917, nasceu de um núcleo formado por jornalistas e escritores, responsáveis pelo movimento cultural no Estado. A atividade jornalística, ainda que não satisfatória do ponto de vista financeiro, atraía os jovens intelectuais, principalmente bacharéis recém-formados, em razão do prestígio e reconhecimento social que conferia a seus militantes (MAGALHÃES, 1998, p.82).

As mulheres também começavam a participar do jornalismo e o faziam através da literatura. De 1904 a 1907 circulou em Teresina um jornal chamado *Borboleta*, escrito apenas por mulheres. Suas redatoras eram Helena M. Burlamaqui, Maria Amélia Rubim e Alaíde M. Burlamaqui. De acordo com Castelo Branco (1996),

Um dos objetivos das jornalistas do *Borboleta* era abrir o mundo intelectual às mulheres, daí uma das suas mais frequentes reivindicações ser o aprimoramento cultural da mulher. Em vários artigos, assinalavam a importância de a mulher ser instruída, até mesmo para que pudesse cumprir melhor suas funções de mãe (CASTELO BRANCO, 1996, p.94).

Em relação à participação das mulheres no jornalismo nos primeiros anos do século XX, este autor destaca ainda a participação feminina no periódico *O Jornal* editado em 1922, que contou com uma seção exclusiva para a colaboração de mulheres onde temas como: emancipação feminina, educação da mulher, voto e moda, foram debatidos (CASTELO BRANCO, 1996, p.93).

Gerações literárias

No que concerne à evolução da literatura piauiense, Moraes (1990) adota uma nomenclatura particular que distribui a produção literária em três gerações. A primeira abrange duas fases denominadas, respectivamente, de neoclássica (1808-1870) e romântica (1870-1889). A segunda, também em duas fases, a libertária (1889-1917) e a áurea (1917-1940). A terceira, em modernista (1940-1965) e vanguardista (1965-1990). O autor concede destaque ao papel do jornalismo na difusão da literatura e relaciona jornais, nos quais os escritores publicavam e colaboravam. Ainda na primeira geração, Licurgo Paiva trabalhou em jornais da época, dentre os quais *Província do Piauí* e



Imprensa. Muitos outros escritores/jornalistas contribuíram na imprensa piauiense, destacamos alguns como David Caldas, Deolindo Moura, Da Costa e Silva, Félix Pacheco, Higino Cunha e Clodoaldo Freitas.

No que concerne a David Moreira Caldas, Moraes (1990), mesmo classificando a fase romântica de 1870 a 1889, o inclui na prosa do romantismo, sendo que a atuação deste, pouco ultrapassou a década de setenta, tendo a sua produção literária iniciado ainda na década de 1850 com *O Arrebol*. Posteriormente atuou nos jornais *A Imprensa*, *O Amigo do Povo e Oitenta e Nove*, dentre outros periódicos. No entanto, pouco se localiza de seus traços literários, muito embora, alguns jornais tenham continuado a publicar suas poesias, anos após a morte. Ademais, David Caldas dedicou-se à política e ao jornalismo político, suas incursões pela literatura se dão em forma de poemas e poesias.

Um marco na trajetória da literatura piauiense foi sem dúvida a fundação da Academia Piauiense de Letras em 30 de dezembro de 1917, que foi criada pelos escritores/jornalistas Jonathas Batista, Celso Pinheiro, Lucídio Freitas, Antônio Chaves, Baurélio Mangabeira, Edison Cunha, Fenelon Castelo Branco, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e João Pinheiro. De acordo com Moraes (1990, p. 36), batizada de *geração de ouro* esta escola de novos intelectuais marcou época, sendo que a maioria deles se destacou também em intensa atuação no jornalismo.

Em uma análise primária e rápida da evolução histórica dos meios impressos no Piauí e da própria literatura percebe-se que volta e meia os caminhos se cruzam e, por certo, a mídia, nesse caso específico, tem buscado contribuir para a divulgação dessa manifestação artística piauiense.

MÍDIA E POLITIZAÇÃO: a participação dos meios de comunicação na condução dos processos políticos no Piauí

Se na literatura, constatamos o envolvimento dos impressos na difusão da produção literária piauiense, quando partimos para observação de uma conjuntura política, os horizontes alargam-se em comparação ao objeto anterior. O engajamento de políticos atuantes no universo jornalístico é considerável, sobretudo ao longo do século XIX e início do século XX. A tradição radiofônica não foge à regra dos periódicos. Além do mais, os meios eletrônicos e, na atualidade, os meios virtuais buscam se enquadrar à dinâmica dos espaços públicos de discussão do poder ou transformam-se em tribunas, onde se discutem e até mesmo se decidem os destinos do País. A mídia



invade e é invadida à todo momento por aspectos do mundo político. E não é necessário retomar as etimologias das palavras comunicação e política, para compreender que, sendo as duas atividades inerentes e vitais à vida em sociedade, não podem deixar de se relacionar intrinsecamente e ambigualmente.

Após a abdicação de Dom Pedro I e diante da impossibilidade de continuação imediata do Império, em face da menoridade do primogênito, institui-se o governo regencial, que se prolonga até a proclamação da maioridade, no dia 23 de julho de 1840. A província do Piauí atravessa dias de prosperidade no início da Regência, com a criação das vilas do Poti, São Gonçalo de Amarante, Piracuruca e Jaicós. Sousa Martins, o Visconde da Parnaíba, continuava no poder, tendo sido confirmado como presidente da Província, em junho de 1831.

Pouco tempo depois, surge o primeiro jornal do Piauí, com a denominação *O Piauiense*, a 15 de agosto de 1832, como afirma Pereira Costa (1974), em cujo livro encontra-se uma transcrição da *Aurora Fluminense*, jornal de Evaristo da Veiga, número 689, 17 de outubro de 1832, onde se lê,

Nas províncias do Norte do Brasil vai tendo rápidos progressos a imprensa periódica. Algumas que ainda não conheciam praticamente este meio de espalhar por entre o povo as doutrinas políticas, esta grande alavanca da civilização progressista, vão tendo suas imprensas e jornais. Mencionaremos particularmente o Recopilador Sergipano, em Sergipe, e, no Piauí, *O Piauiense*... (PEREIRA COSTA, 1974, p. 388).

Para Pinheiro Filho (1972, p.9), é Joel Oliveira, “...modesto mas extraordinário pesquisador que, em tese apresentada ao 1º Congresso de Jornalistas do Piauí, patrocinado pela Associação Piauiense de Imprensa (API), em 1934...”, estabelece a data do primeiro número de *O Piauiense*, graças à notícia por ele encontrada, no jornal *A Imprensa*, número 510, de 4 de julho de 1877. O nosso primeiro jornal era editado na tipografia Silveira & Cia., alguns anos depois (1836), na tipografia Provincial, e mais tarde, na tipografia Saquarema (1849), e teve como redatores o professor de latim Amaro Gomes dos Santos e, ao que parece, também, o Padre Antônio Pereira Pinto do Lago.

Um dado curioso a respeito do surgimento de *O Piauiense* é a sua ligação com a edição do primeiro jornal de Sergipe. Isto porque, é por iniciativa do Padre Antônio Fernandes da Silveira, sacerdote e político, nascido em Lagarto - Sergipe, que os prelos



da primeira tipografia chegam ao Piauí. Ao que tudo indica, o referido padre pretendia lançar um jornal também aqui, naquele período. Entretanto, apesar de eleito deputado geral pelo Piauí, também o fora por Sergipe e opta por permanecer na terra natal, onde lança *O Recopilador Sergipano*, antes mencionado.

Durante a década de 1830, surgem outros impressos, tais como *O Correio da Assembléia Legislativa* e, em 1839, *O Telégrafo*, de caráter oficial e político, com o objetivo primeiro de manter a opinião pública a favor do governo e das ações do Visconde da Parnaíba, no episódio da Balaiada. Configura-se, portanto, como o primeiro jornal noticioso, embora semi-oficial. Segundo Odilon Nunes,

...a Portaria de 22.11.1839 registra que foi aceito o oferecimento de Francisco José Fialho, de encarregar-se de redigir nesta capital, Oeiras, um periódico em que se transmitam ao público as ocorrências da atual guerra e os atos do governo a ela tendentes, com a condição de ser impresso na Tipografia Provincial e fornecidos os materiais pela Tesouraria da Fazenda e remeter para seus cofres todo o rendimento do dito periódico, proveniente da venda das folhas que se extraírem.” (NUNES *apud* PINHEIRO FILHO, 1972, p. 11).

O primeiro jornal de cunho político e doutrinário, *O Liberal Piauiense*, só surge após a queda do Visconde da Parnaíba. Seu redator, Lívio Lopes Castello Branco lutara, antes, contra o Visconde, na Guerra dos Balaios, ao lado dos populares e depois do conflito, decide fixar residência em Oeiras, como advogado e mais tarde como jornalista, profissão que lhe proporciona atividade intelectual intensa. Atua ainda como redator em *Aucapura* e *O Argos Piauiense*, ambos em Oeiras. Com a transferência da capital para a chapada do Corisco, Lívio Lopes vem residir em Teresina, onde trabalha nos jornais *Patuléia* e *O Conciliador Piauiense*.

O desejo de mudança da capital da província do Piauí para uma freguesia melhor localizada atravessa décadas e décadas até se concretizar na metade do século XIX. Registram-se tentativas desde 1792, quando D. Fernando Antônio Noronha chega a propor a transferência para o litoral. Em 1851, os habitantes de Parnaíba, Piracuruca e Campo Maior solicitam ao presidente da Província, José Antônio Saraiva, que este proceda a mudança para a localidade litorânea ou para a Vila do Poti, uma vez que Oeiras figura como o oposto de tudo o que se pensa em termos de progresso. À época, nada se produz ali, não existem estradas suficientes, o sistema de comunicação é precário e o controle das demais freguesias é difícil. Mesmo com essas ponderações, o povo oeirense reluta ativamente à idéia de mudança. Tibério César de Burlamaqui, chefe do Partido Liberal, lança, em 1849, o jornal *O Echo Liberal*, que traz como



legenda a frase de Erasmo de Roterdã, “Queremos admoestar, não morder. Ser útil, não ofender.” Este periódico serve de canal de comunicação aos oeienses contrários à saída da sede administrativa daquele município.

A *Ordem* posiciona-se como o primeiro jornal impresso em Teresina. Circula pela primeira vez, no dia 19 de fevereiro de 1853. Composto na Tipografia Constitucional, de José da Silva Leite, tem como impressor Antônio da Costa Neves e a redação fica por conta do jovem baiano José Marins Pereira Alencastre, que vem para o Piauí como “homem de confiança” do Conselheiro Saraiva. A *Ordem* traz noticiário político e social, além de artigos doutrinários, caracterizando-se como jornal conservador.

Os liberais logo chegam a imprimir seus jornais na nova capital. Em *O Conciliador Piauiense*, novamente, registra-se a participação de Lívio Lopes como redator, ao lado de Deolindo Moura, que alguns anos depois, deixa *O Conciliador* para *O Propagador*. Abandona, então, o exercício do jornalismo por alguns anos, para retornar, em 1862, com seu jornal *Liga e Progresso*. Neste jornal, David Caldas trabalha ao lado de Deolindo. Em 25 de fevereiro de 1865, Deolindo Moura, então deputado pelo Partido Liberal, lança *A Imprensa*, órgão informativo do Partido Liberal, e que tem longa duração, permanecendo até o nascer da República.

David Moreira Caldas, considerado pelos historiadores piauienses como um dos maiores jornalistas de todos os tempos, inicia sua carreira no jornal *O Arrebol*, em 1859, indo, depois, trabalhar com Deolindo nos jornais acima citados. Em 1868, após romper com o Partido Liberal, abandona a carreira política e um mandato de deputado, e lança o jornal *O Amigo do Povo*, impresso, inicialmente, na tipografia de Deolindo, e, em 1870, na sua própria tipografia. Segundo Pinheiro Filho (1972, p. 26), *O Amigo do Povo* surge como um jornal “estranho”, porquanto não visava a lucros, conforme esclarecimento constante logo abaixo do título:

Periódico político. Este jornal publicar-se-á duas vezes por mês: distribui-se gratuitamente às pessoas pobres que souberem ler e quiserem recebê-lo na tipografia onde é impresso. Aceita-se assinaturas, que fica ao árbitro quanto à importância, não excedendo de 2\$000 (dois mil réis) por trimestre.”

A partir de 1872, *O Amigo do Povo* passa a ser impresso com o subtítulo Órgão Republicano da Província do Piauí, principalmente por influência do Manifesto Republicano, lançado no Rio de Janeiro, em dezembro de 1870, por Quintino Bocaiuva, Aristides Lobo e outros intelectuais pertencentes a uma facção mais radical do Partido



Liberal, que haviam rompido com o último. Ainda sobre David Caldas, mas falando sobre o seu segundo jornal, Pinheiro Filho (1972, p. 26) afirma que o famoso jornal *Oitenta e Nove* resultou da simples mudança de nome de *O Amigo do Povo*, sendo editado, pela primeira vez, em 1 de fevereiro de 1873 e “trazia um artigo de fundo sob o mesmo título, no qual o autor não preconizava de modo categórico, mas sutilmente deixava expressar a idéia profética de que a República seria proclamada em 1889.” David Caldas ainda lança outros jornais de menor importância como *O Bom Menino* e *O Ferro em Braza*, este último com o intuito único de apreciar e exprobar o fato denunciado na Câmara Federal pelo Deputado Cesário Alvim de que o Ministro da Fazenda, Barão de Cotegipe, fazia parte da firma comercial Gustavo Massei & Cia., reputada contrabandista. É o seu último jornal.

Em 8 de abril de 1878, o Partido Conservador fez circular o jornal *A Época*, que substituiu *A Moderação*, como porta-voz do partido. Atravessou a década seguinte, sempre combatendo os liberais e suas idéias abolicionistas. Teodoro Alves Pacheco, Raimundo Arêa Leão, Antônio Coelho Rodrigues e Simplício Coelho de Resende eram seus redatores. *O Telefone*, que sobrevive de 1883 a 1889, consolidou-se como jornal liberal, contando com Hermínio Castello Branco, Luísa Amélia de Queirós e Licurgo Paiva como colaboradores. *A Reforma*, que surgiu em 1887, constituiu propriedade de Marianno Gil Castello Branco e consolidou-se como veículo abolicionista e liberal, com discreta tendência republicana. Entre seus redatores, estão Clodoaldo Freitas e Antônio Rubim. *O Reator*, órgão maçom e anticlerical, é lançado em 5 de setembro de 1884, sob a responsabilidade do redator-chefe Clodoaldo Freitas, emergente positivista da Escola do Recife e desempenha papel relevante na questão maçônica x Igreja Católica. Entre seus colaboradores, Hygino Cunha, Miguel Rosa, João Pinheiro, Domingos Monteiro e Abdias Neves. Em 1889, Simplício Coelho de Resende publica *A Phalange*, também na defesa dos interesses do Partido Conservador.

Outros periódicos surgiriam no início da República, nessas a dicotomia entre os partidos monarquistas, daria espaço a uma nova polaridade entre monarquistas e republicanos. No entanto, diferentemente do passado, quando republicanos não tinham grande espaço, agora eram os monarquistas os perseguidos, às vezes, pelos ex-companheiros de partido que tão logo chegou o 16 de novembro de 1889, transformaram-se em republicanos, galgando espaços no poder à revelia dos antigos partidários e às vezes em detrimento dos que lutaram pela instauração do governo



republicano no Brasil. Desta época podemos citar alguns jornais que circulavam em Teresina como: *O Lacrau*, *O Democrata*, *A República*, *A Luz* e *O Estado do Piauí*.

CONCLUSÃO

Se, de um lado, o jornalismo literário deixou marcas fortes na construção da identidade literária no Piauí dos séculos XIX e XX, hoje há um distanciamento entre os campos, uma vez que o espaço destinado para cultura abrange, cada vez mais, pautas do entretenimento há muito inseridas no campo da cultura. Tal dificuldade de relacionamento prejudica ambos, uma vez que a literatura não tendo a visibilidade pretendida não se faz conhecida e, portanto, não se firma como referência para a sociedade contemporânea, e, a imprensa, por sua vez, se torna mais apática e menos educadora, sem grandes contribuições em termos culturais.

Em outro ângulo, a imprensa eminentemente política no Piauí data do século XIX, como resultado da confluência conjuntural formada no limiar entre espaço público e direito privado, na qual, na opinião de Ribeiro (1996, p. 52) “a representatividade pública substitui a opinião pública”, fundamentada na sede de poder de uma camada populacional composta por uma elite mórbida, cujos anseios manifestos se concretizam com a ocupação de postos nos poderes legislativo e executivo e intermináveis discussões ocupando páginas e páginas impressas, nas quais disputas familiares mesclam-se a questões de cunho político.

No Piauí do século XIX, cada família compunha um partido. Cada partido mantinha um jornal. Cada família ocupava considerável número de cadeiras nos espaços de poder e utilizava o jornal como apoio às posições adotadas. Assim, a imprensa configurava-se como uma tribuna aberta de discussões que, no caso dos monarquistas, raramente, chegavam ao debate ideológico, uma vez que possuíam características semelhantes e mantinham o discurso, em geral, pautado em disputas menores.

A imprensa atravessou assim, todo o século XIX e adentrou o século XX com um formato aprimorado, mas ainda pautado pelas posições políticas. De acordo com Ribeiro (1996, p.53) “a partir da virada do século XX, a imprensa adquire aos poucos um novo perfil estrutural cujas especificidades internas permanecem, em grande medida, até os dias atuais”. Segundo a autora, a conjuntura do novo século interfere no processo de auto-demarkação institucional do meio impresso, cujas raízes evolutivas perpassam pelo conhecimento técnico-científico e os produtos advindos das novas tecnologias em informação e comunicação, perpassam ainda, pela dinâmica dos



processos de formação de mercados e peculiaridades das grandes aglomerações urbanas, pelo desenvolvimento econômico e formação de público leitor, pela concorrência com os meios eletrônicos, pela mudança na construção do discurso jornalístico, que como consequência de toda a evolução técnica e humana, traz novos gêneros e uma maior velocidade para a produção jornalística, que passa a ocupar os espaços dos discursos políticos nas páginas dos jornais.

O debate e as polêmicas políticas abrem espaço e são substituídas por notícias, que, embora mantendo o cunho original do objeto político relatado, ganham elementos de objetividade e de nova temporalidade. As discussões migram para os editoriais, que representam o pensamento do veículo ou permanecem nos artigos assinados, cujos autores assumem a responsabilidade pelo exposto, ou vão para as colunas, cujas notas deixam transparecer aspectos de um mundo observado por todos.

É diante deste contexto evolutivo dos meios de comunicação, no qual se insere o panorama da mediação, que a mídia, no Piauí, passa a desempenhar o papel de difusor e vigilante das ações políticas. Mesmo assim, preserva o antigo costume de atuar como palco de discussões insignificantes e mesquinhas, cujos atores principais são políticos ou pretendentes a cargos públicos que, às vezes, se lançam na fabricação de fatos inexistentes com vistas a ganhar notoriedade.

Hoje em dia, a mídia, em toda sua extensão, sobretudo, os veículos informativos, tem reservado a maior parte de seu espaço para o debate público do universo político, inserindo questões de interesse social decididas no âmbito das instituições de representatividade pública, nos poderes executivo, legislativo e judiciário, além de questões meramente político-partidárias.

Contudo, considerando as duas temáticas sobre as quais dissertamos neste artigo, cabe aqui uma ressalva, que por sinal já fizemos anteriormente, a de que para a editoria de política são reservados os melhores espaços nos jornais, enquanto que para a cultura, onde localizamos o jornalismo literário, hoje em outro formato, ficam os espaços não preenchidos pelo entretenimento ou pela publicidade, com raras exceções em alguns veículos impressos que editam um caderno de cultura dominical, ou ainda, outros meios televisivos ou radiofônicos, que por iniciativa de algumas pessoas realizam programas tendo como foco manifestações artísticas.



Referências bibliográficas

- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- FREITAS, Clodoaldo. *Vultos Piauienses*. 2ªed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- MORAES, Herculano. *Visão histórica da literatura piauiense*. 3. ed. Teresina: APL, 1990.
- NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina: Imprensa Oficial, 1966.
- PEREIRA COSTA, F.A. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*. Teresina: Artenova, 1974.
- PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972.
- QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- _____. *Os literatos e a República. Clodoaldo Freitas e Hygino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- RIBEIRO, Lavina. *Contribuições ao estudo institucional da comunicação*. Teresina: EDUFPI, 1996.
- SAID, Gustavo Fortes. *Comunicações no Piauí*. Teresina: APL, 2001.
- SODRÉ, Muniz de Araújo. *Reinventando @ Cultura*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Maud, 1999.